



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de inauguração do Centro Metropolitano de Especialidades  
Médicas**

**Belo Horizonte-MG, 07 de novembro de 2007**

Meu caro amigo, governador do estado de Minas Gerais, Aécio Neves,  
Meu caro companheiro Fernando Pimentel, prefeito da cidade de Belo  
Horizonte,

Ministros José Gomes Temporão, da Saúde; Patrus Ananias, do  
Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral e  
Walfrido dos Mares Guia, da Secretaria de Relações Institucionais,

Deputado Alberto Pinto Coelho, presidente da Assembléia Legislativa do  
estado de Minas Gerais,

Meu caro senador Eduardo Azeredo,

Deputados federais Ademir Camilo, Antônio Roberto. O convidado que  
veio de São Bernardo para cá, por causa do ato do Ministério da Cultura, daqui  
a pouco, Frank Aguiar. Leonardo Quintão, Maria do Carmo Lara, Miguel Corrêa  
Júnior, Odair Cunha, Reginaldo Lopes. E o nosso ex-ministro e deputado  
Saraiva Felipe.

Meus amigos e amigas prefeitos, convidados para esta solenidade,

Meu caro Saulo Levindo Coelho, provedor do Grupo Santa Casa de Belo  
Horizonte,

Meu caro Marcos Vinícius Pestana, secretário de estado da Saúde de  
Minas Gerais, por meio de quem quero cumprimentar a todos os secretários de  
estados aqui presentes, todos os secretários municipais,

Deputados estaduais,

Vereadores,

Candidatos a prefeitos daqui a dois anos,



Candidatos a vereadores,  
Meus amigos e minhas amigas,  
Não, porque a verdade é que daqui a pouco começa a ganhar importância quem vai ser candidato no ano que vem.

Eu quero dizer aos companheiros aqui da mesa, e aos companheiros e às companheiras que estão participando deste ato, que nós estamos vivendo um momento singular na história do Brasil. Depois de muito tempo, eu penso que nós estamos colhendo, com mais facilidade, as coisas que nós plantamos.

No ano passado, eu disse que era preciso destravar o País. Quem é prefeito aqui, quem é governador de estado como o Aécio, quem é presidente da República, quem, na verdade, trabalha com o Poder Executivo, e o Eduardo Azeredo, que foi governador, o Patrus, que foi prefeito, sabem perfeitamente bem que muitas vezes no Brasil se cria um mecanismo de imposições e, muitas vezes, cheio de boa vontade, achando que é para moralizar, achando que é para evitar a corrupção, se cria tanto mecanismo de imposição que entre a vontade política, a determinação e a concretização de uma obra, você tem que enfrentar algumas “guerras do Iraque” pela frente.

E nisso todos nós temos culpa, porque quando nós somos vereadores pensamos de um jeito, quando somos prefeitos constatamos que o jeito que a gente pensava não era tão correto para o Executivo. Quando nós somos deputados, nós pensamos de um jeito, quando viramos governadores, presidentes ou prefeitos, a gente pensa que nem sempre o jeito que a gente pensava era o correto para administrar. E quem foi para o Executivo e volta para o Legislativo não tem o direito de cometer os mesmos erros, como se nunca tivesse sido do Executivo.

Eu estou dizendo isso porque, hoje, a máquina pública federal, a máquina pública estadual e a máquina pública municipal são máquinas públicas assustadas, são máquinas públicas que têm, às vezes, receio de dar



uma autorização para fazer alguma coisa, porque sabem que poderão receber pela testa dezenas de processos, e sabem que os mandantes das ordens não vão contratar advogado para defendê-los, são eles mesmos que vão ter que se defender.

Então eu penso que a nossa cabeça vai ter que raciocinar como a gente vai trabalhar para facilitar, com o máximo de fiscalização possível, as coisas que precisam ser feitas no Brasil. Felipe foi comigo na cidade de Queimados, lá no Rio de Janeiro, anunciar um hospital. Depois que anunciamos o hospital, numa festa com mais de 10 mil pessoas, até hoje a obra não começou por dezenas de problemas: porque o terreno que tinha sido indicado para fazer tinha um dono, porque não era aquele terreno, porque não havia sido pago, porque não tinha sido legalizado. Ou seja, depois de dois anos, Felipe já deixou de ser ministro, já indicou o Agenor, já virou deputado, já está quase terminando o mandato de deputado e agora é que está num processo de licitação o hospital. E assim as coisas acontecem no Brasil. Muitas vezes, quem é oposição fica torcendo para a coisa não acontecer, mesmo. Não é isso?

Pois bem. Eu penso que o futebol poderia nos ensinar algumas coisas. A maior rivalidade aqui, em Minas Gerais, certamente não é América e Cruzeiro, é Atlético e Cruzeiro. Eu que sou um homem que deveria ser torcedor do Atlético, sou do Cruzeiro. Mas, eu queria lembrar vocês, o Dulci vive insistindo para eu torcer para o América porque o América não tem adversário. Pois bem, eu estou dizendo isso apenas para vocês perceberem o seguinte: quando tem um jogo aqui no Mineirão, em que o Atlético joga com o Cruzeiro, em que os jogadores do Atlético vão com brutalidade no Cruzeiro e o Cruzeiro com brutalidade no Atlético, vocês não pensem que aqueles jogadores passam o resto da vida um com ódio do outro. Possivelmente, na mesma noite, eles estejam jantando juntos, na semana seguinte estão fazendo atividades juntos, se encontram, comem churrasco, fazem um monte de coisas juntos. A política



poderia ter esse ensinamento para que as coisas pudessem ser facilitadas. O fato de a pessoa A disputar uma eleição com a pessoa B não está determinando que eles serão inimigos pelo resto da vida. Está determinando que, se eles forem civilizados, o ganhador vai ser governador, o perdedor sabe que o outro vai governar por quatro anos e que é preciso estabelecer uma política de convivência, levando sempre em conta qual o benefício que a gente quer para o povo da cidade, do estado ou do País. Mas na política não é assim, porque muitas vezes na política se semeia ódio, se semeia mentiras. Muitas vezes o resultado de uma campanha, depois de passados cinco meses, você começa ler a imprensa da campanha, você não acredita que aquilo aconteceu, o tanto de coisas abomináveis que são levantadas, às vezes leviandades. É assim a política brasileira. Eu penso que nós fazemos parte de uma geração política que poderia dar um novo exemplo à política brasileira.

Já está provado que quando o governo federal, o governo estadual e os governos municipais não criam preconceitos entre si e não estimulam a rivalidade política entre si, as coisas fluem com muito mais facilidade. Na verdade, é o seguinte: nenhum de vocês sai domingo, de manhã, de casa, para visitar uma pessoa que trata vocês mal. Vocês vão à casa de alguém que recebe vocês bem. Da mesma forma acontece com o prefeito, acontece com o governador e acontece com o presidente da República. Se o Aécio se levantar de manhã com vontade de ir a uma cidade e ele sabe que o prefeito fez uma manifestação contra ele no dia anterior, ele não vai. Por que ele vai? O presidente da República, se tiver que ir a um estado, e ao chegar lá, o governador faz um ato, o presidente também não vai. Ou o presidente da República ou o governador não recebe o prefeito, se ele fez desaforo. Ou seja, essa pequenez política precisa acabar no Brasil, a bem deste País.

Quando nós estamos aqui inaugurando uma obra, que todos falam que passou 20 anos aqui, sendo uma vergonha mineira, e o prefeito e o governador disseram bem, independentemente do dinheiro que cada um deu, não importa



quanto, o dado concreto é que só foi possível fazer esta obra porque os três entes federativos se juntaram para fazer esta obra. Se um não quisesse, não teria acontecido. E vocês estariam passando aqui à frente, vendo um prédio inacabado, vendo meninos cheirando cola, porque tinha latas e latas de coisas que os meninos cheiravam aí. O que tinha aqui? Thinner, era o que vocês encontravam. Porque uma obra há 20 anos parada serve para muita coisa, certamente até para bandidagem fazer aqui alojamento definitivo.

Veja, mas não é apenas esta obra, são muitas obras por este País afora que foram começadas e não foram concluídas. No Brasil também tem o seguinte hábito: um prefeito ganha a eleição, ele está fazendo uma obra, quando chega na época da eleição, ele não concluiu a obra, o outro que entra não quer fazer aquela obra porque já tem a marca do prefeito que perdeu. Então, ele vai tentar fazer uma obra com a sua cara. Ora, com a sua cara, ele pode fazer uma fotografia, mas a obra precisa ser concluída, senão não dá certo. Então, essas coisas têm atrapalhado o Brasil de forma extraordinária.

E o Saraiva sabe, como mineiro que é, no pouco tempo em que ele passou no Ministério, em quantos lugares do Brasil nós fomos anunciar a retomada de hospitais que, muitas vezes, estavam prontos e não tinham os equipamentos, estavam prontos e não tinham concurso para contratar funcionários. Todo mundo sabe que a coisa mais barata é fazer o hospital. A segunda coisa difícil é equipá-lo e a coisa mais difícil é mantê-lo. E mantê-lo com qualidade, mantê-lo com pagamento justo dos funcionários e mantê-lo funcionando adequadamente para a população.

Eu não sei se todo mundo aqui já freqüentou hospital público, em época de necessidade. Eu, depois que virei presidente, não enfrentei mais, é preciso dizer para vocês isso. Antes de ser presidente, muitas vezes. E, vejam, uma pessoa que está doente, quando ela chega num hospital e encontra uma funcionária mal-remunerada, mal-humorada, que o mande se sentar, pega o cartão e fala: “Senta aí e aguarda”. Ela vai lá, senta num banquinho,



normalmente desconfortável também, e fica vendo: passa gente, entra gente, e gente telefona para cá, telefona para lá. Ou seja, esse cidadão, que entrou com uma doença, ele já tem três antes de ser atendido. Se o médico está com boa vontade, já é 50% da cura, mas se o médico também não está bem, ele entrou com uma doença e volta para casa com quatro doenças e uma receita com que ele nunca vai poder comprar o remédio.

Por isso é que o SUS foi uma revolução neste País, ainda não compreendida, ainda muitas vezes recebendo críticas. Mas o SUS, e eu tive o prazer e o privilégio de, junto com muitos aqui, ser constituinte na época, o SUS foi uma das coisas mais extraordinárias que o Congresso Nacional votou. Ele ainda precisa ser aperfeiçoado, porque muita gente fala em atendimento de qualidade, atendimento de alta complexidade... Na verdade, quase todos os transplantes deste País quem paga é o SUS, mas o cidadão que lê um jornal pensa que não é o SUS, pensa que o SUS só faz curativo. Porque se trabalha com a idéia de negar a coisa pública, quando, na verdade, em se tratando de Saúde, e nós estamos aqui na inauguração de um hospital, o SUS tem prestado um serviço extraordinário a este País.

É por isso que a Emenda 29 finalmente foi regulamentada. Ela foi regulamentada para definir claramente para todos nós o que é gasto em Saúde. E, vejam, o Temporão não disse aqui, mas entre a participação dos estados, a participação dos municípios, até 2011, vai aumentar, além da participação do PIB, vai aumentar 50 bilhões de reais, ou seja, vão ser 72 bilhões de reais para a Saúde neste País. Certamente ainda não é tudo – federal – certamente ainda não é tudo, mas nós estamos dando um passo extraordinário para concretizar a sonhada universalização da Saúde neste País.

Ora, esse dinheiro da Emenda 29, que são 24 bilhões, disse aqui o nosso companheiro Temporão, esse dinheiro será partilhado entre governos estaduais e prefeitos, com o compromisso de cumprimento de metas, para que



a gente possa ver a execução.

Eu acho que a Câmara, Felipe, cometeu um pequeno equívoco na votação, que nós vamos ter que corrigir no Senado. Veja, na medida em que nós fizemos um programa em cinco anos, é preciso que a gente dê aos estados que não estavam cumprindo – e o estado que não estava cumprindo, por “n” razões, não pode, de uma hora para outra, colocar todo o dinheiro – é preciso que a gente dê o mesmo prazo da implantação do programa pelo governo federal aos governos estaduais e aos municípios. Porque também nós não queremos asfixiar ninguém, o que nós queremos é dizer para a sociedade brasileira que estamos trabalhando para que daqui a 4 ou 5 anos a gente tenha um sistema de Saúde melhor funcionando.

Daqui a alguns dias, dia 27, 29, nós vamos lançar um PAC da Saúde. O PAC da Saúde prevê esse dinheiro que eu estou dizendo aqui, 24 bilhões de reais. Mas é preciso que a gente melhore, é preciso que a gente aperfeiçoe o funcionamento do Médico de Família, é preciso que a gente leve educação para a escola pública brasileira.

Eu, por exemplo, quando tinha 10 anos de idade, Aécio, eu sou de um tempo em que os alunos nas escolas públicas brasileiras... Está certo que eram menos escolas, não estavam universalizadas, mas a gente tinha dentista e tinha médico. Então nós, agora, vamos levar médico também, vamos levar oftalmologista para as escolas. Por que uma criança, quando entra na escola, a professora não faz o teste da tabela com a criança, para saber se ela tem alguma deficiência? Por que não tem um dentista no primeiro ano da escola, para saber se aquela criança tem problema de cárie?

E eu dizia, hoje: nós vamos precisar de, em alguns lugares do País, cuidar da saúde bucal das professoras e dos professores que, muitas vezes, não tiveram a oportunidade, não conseguem sequer tratarem da sua boca, e nós vamos ter que levar isso, para que a universalização seja realmente cumprida e que a gente consiga estabelecer, neste País, o padrão de



qualidade que nós sonhamos quando nós aprovamos o SUS.

Portanto, vir aqui inaugurar esta obra é gratificante, como presidente da República. É muito gratificante, porque nós estamos vivendo um momento em que as coisas estão acontecendo. Eu acho que no Brasil nós temos, hoje, nos 27 estados, um conjunto de governadores com muita disposição de fazer as coisas. O governo, depois que apresentou o PAC, em janeiro, estabeleceu vários programas, de todos os ministros, para todos começarem a funcionar ainda no ano de 2007. A partir deste ano, não tem mais programa novo de ministro do governo. Agora, é cumprir tudo o que já foi determinado, é fazer tudo o que já foi aprovado. Tem muita gente muito criativa, que cria tanto e que não executa as coisas. Então, nós queremos executar tudo que já foi determinado, cada ministro já apresentou o seu programa e nós vamos fazer isso.

Quero dizer que a gente está falando aqui do Centro Metropolitano de Especialidades Médicas, o antigo Cardiominas, mas, em janeiro, o prefeito já participou da inauguração do Hospital Regional de Venda Nova, que foi uma coisa também que estava abandonada há uns 10 ou 11 anos. Eu acho que, neste aspecto, os deputados podem dar uma contribuição, os senadores, os vereadores, que é fazer as denúncias dessas obras que estão paradas. Eu, por exemplo, ando pelo Brasil afora, se tiver uma obra parada em Mariana, e o prefeito de Mariana não reclamar, ou um vereador de Mariana não reclamar, ou um deputado não reclamar, ou reclama para o prefeito, que reclama para o governador, que reclama para mim. Se não fizer isso, as coisas não andam, porque também, ao longo do tempo, nós fomos nos acostumando que era normal ter obra parada. Então, nós temos que nos colocar como cidadãos inconformados com obras não concluídas.

Por isso, governador, por isso, prefeito Pimentel, e por isso, companheiros, é uma alegria estar aqui outra vez, estar aqui para dizer para vocês que certamente eu virei outras vezes aqui, porque muitas das obras que



foram planejadas em parceria com o governo estadual, municipal, não apenas de Belo Horizonte, mas de outras cidades de Minas Gerais, elas agora estarão concluídas e nós vamos passar uma parte do tempo visitando os estados para inaugurar essas obras. Quando eu digo que o Brasil finalmente se encontrou consigo mesmo, é porque nós vivemos um momento de tranquilidade que nenhum dos outros presidentes tiveram e que em poucos momentos da história nós tivemos. Se nós aproveitarmos este momento do Brasil e continuarmos trabalhando do jeito que estamos trabalhando, construindo as parcerias... O PAC nada mais é do que uma grande parceria com os estados e os municípios. Os estados mais ricos colocam um pouco de dinheiro, como Minas Gerais, outras cidades mais pobres, como Belo Horizonte, colocam menos dinheiro, o governo federal coloca mais. Noutros estados, como São Paulo, que é mais rico, o governador Serra coloca um pouco mais de dinheiro, mas num estado mais pobre do Nordeste, o governo federal coloca mais dinheiro. É essa repartição bem feita, essa partilha do dinheiro que nós arrecadamos que permite que a gente possa, aqui: prefeito feliz, governador feliz, presidente feliz, e mais feliz ainda o povo de Belo Horizonte, que ganha um novo hospital na sua cidade.

Muito obrigado.